

PARDO, Johana. “Do amar demais e outros demônios. A psicologização e as gramáticas emocionais no grupo de mulheres que amam demais anônimas (MADA). *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 34, pp: 220-267, Abril de 2013. ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

## Do amar demais e outros demônios A psicologização e as gramáticas emocionais no grupo mulheres que amam demais anônimas (MADA)

*Johana Pardo*

*Recebido em: 06.01.2013*

*Aprovado em: 07.02.2013*

**Resumo:** Esta pesquisa traçou como objetivo a análise das gramáticas emocionais elaboradas nas experiências das participantes do grupo Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA). A metodologia usada foi a etnografia. MADA é um grupo de ajuda mútua para “mulheres viciadas em relacionamentos destrutivos”, sendo sua “droga” o amor excessivo. Observaremos as condições que possibilitaram considerar este sentimento como doentio, tais como a quebra no ideal estético do amor, aspecto relacionado com a ruptura da dádiva. Como forma de solução deste impasse o grupo propõe então uma série de práticas que interpretamos como uma “economia dos vínculos sociais”, em que há uma racionalização do sentimento amoroso. **Palavras-chave:** amor, gramáticas emocionais, grupos de ajuda mutua, racionalização das emoções

\*

### Introdução

O Amor, como as outras emoções, é resultado de construções sociais e históricas. A partir do século XVIII e com a influência da literatura de romance, passa a ser

um tema central na vida das pessoas, sobretudo das mulheres, que construíram o amor romântico para logo desconstruí-lo, através do deslocamento da esfera doméstica para a pública e a transformação da sexualidade feminina. Este aspecto influenciou as mudanças nos relacionamentos, especialmente os sexual-afetivos, tornando-os ambivalentes, instáveis e complexos.

O amor começa a ser alvo do olhar de experts como psicólogos e sexólogos, assim como motivo para a difusão de manuais, livros, vídeos, filmes, programas de televisão, sites na internet que começam a aconselhar sobre como conduzir os relacionamentos, processo denominado por Bauman (2007) de “*boom do counseling*”. Neste contexto, os grupos de ajuda mútua, antes voltados para o alcoolismo e as dependências químicas, começam a se orientar pelos relacionamentos. Hoje, no Brasil, existem vários grupos que tratam os problemas afetivos, como é o caso do grupo que será objeto de estudo deste artigo: Mulheres Que Amam Demais Anônimas - MADA.

MADA - inspirado no livro da autora estadunidense Robin Norwood (1985), que leva o mesmo nome - teve início no Brasil<sup>1</sup> na cidade de São Paulo em 1994. Atualmente realizam-se mais de 45 reuniões semanais distribuídas em 14 Estados e no Distrito Federal. Sabe-se

---

<sup>1</sup>É difícil estabelecer o país de origem do grupo, devido à própria estrutura dessas irmandades anônimas, como a auto-organização. Não há um comitê central que regule as atividades dos outros grupos, tanto assim que no Brasil, parece não se saber da existência do grupo da Espanha. Nos Estados Unidos existem outros grupos parecidos, como *Love Addicts Anonymous*, *Co-Dependents Anonymous*, *Sex & Love Addicts Anonymous*, *Emotions Anonymous*, também presentes no Brasil e que praticam os doze passos e as doze tradições do AA, porém não existe o grupo com o nome específico Mulheres que Amam Demais Anônimas

da existência do grupo na Espanha, em Portugal e na Venezuela. O grupo baseia sua recuperação no programa dos doze passos dos alcoólicos anônimos, que foi adaptado para o MADA. Compara-se com outros grupos de dependentes, sendo sua “droga” o amor excessivo, o qual define como uma doença.

A partir do desenvolvimento dos meios de comunicação, no século XX, nasce a cultura de massas, que constitui um corpo complexo de símbolos e imagens, orientadora e modeladora das emoções como toda cultura, tornando-se assim a fornecedora dos mitos condutores do lazer, da felicidade e do amor. Nesta cultura tem-se como aspiração um mundo onde a aventura, o movimento, a ação sem freio, a liberdade de realização das necessidades ou instintos proibidos (que devem ser atingidos por meio da intensificação das emoções) são valores imperantes. (MORIN, 1977, p.15-90). Nesta explosão discursiva dos sentimentos a felicidade aparece para modelar as expectativas da sociedade moderna e passa de uma aspiração a ser direito garantido, o que parece entrar em contradição com a sensação de mal-estar e a incapacidade do homem moderno em experimentar a plena felicidade. Esta tensão é resolvida através da imprensa conselheira que determina a maneira de obter e conservar a felicidade mediante a criação de programas de ação, tornando-a previsível e controlada. (CONDÉ, 2010, p.9-10 ).

O amor é o grande arquétipo dominante da cultura de massa. A partir do *happyend* torna-se triunfal e o tema central da felicidade moderna. No cinema ocidental, por exemplo, o amor parece desembocar no mar livre da realização pessoal (MORIN, 1977, p. 131-138), para não

falar das telenovelas que geralmente pregam um amor transbordante e excessivo, sendo quase sempre esta a temática central do argumento.

Neste contexto aparece o MADA com um discurso que parece contradizer estes discursos, afirmando que o amor em excesso é um sentimento negativo que se torna uma doença, sendo a completa negação da felicidade. A proposta deste trabalho é entender essa forma de amar que é patologizada, e, desta maneira, ampliar o conhecimento que se tem sobre o amor contemporâneo.

Hoje, no mundo, aproximadamente três milhões de pessoas participam de grupos de ajuda mútua. Segundo Giddens (1996), mais pessoas pertencem a grupos de ajuda mútua do que a partidos políticos; esta seria uma das formas através das quais o projeto reflexivo do eu tem sido levado adiante. Ou seja, tanto a autoajuda como a ajuda mútua, nas últimas décadas, têm ocupado um lugar cada vez maior como um recurso terapêutico. Entretanto, estes fenômenos não têm recebido a atenção que merecem pela teoria social, pois, como afirma o mesmo autor, muitos têm desprezado o tema.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as gramáticas emocionais elaboradas nas experiências das participantes do grupo MADA. A metodologia usada foi a etnografia, sendo o trabalho de campo feito entre setembro de 2010 e janeiro de 2012, tempo no qual se fizeram entrevistas semiestruturadas com dez participantes do grupo, assim como participação observante em diferentes salas de reunião nas zonas norte e sul da cidade do Rio de Janeiro.

## O que é o Mada?

MADA é um grupo de ajuda mútua, segundo seu próprio site, para “mulheres viciadas em relacionamentos destrutivos”, sendo sua “droga” o amor excessivo. O objetivo do grupo é fazer com que as participantes “se relacionem bem consigo mesmas e com os demais”<sup>2</sup>. A maioria das integrantes se apresenta como tendo problemas para relacionar-se de maneira sexo-afetiva, centrando-se a maior parte dos depoimentos nesta temática, embora outros temas também sejam comentados, tais como problemas com os filhos, os colegas de trabalhos, os pais e os amigos.

Como base para sua recuperação o MADA usa o programa dos doze passos dos alcoólicos anônimos, adaptando-os ao feminino, trocando a palavra álcool por relacionamento. Além disso, utilizam os livros de Robin Norwood “Mulheres que Amam Demais” e “Meditações para Mulheres que Amam Demais” e uma apostila que contém diferentes escritos. A nível organizativo cada sala possui uma ou duas coordenadoras que se revezam semanalmente, que são MADAs em recuperação e participam da mesma forma, uma tesoureira, uma secretária e uma delegada de intergrupos, (organismo encarregado de organizar as apostilas e folhetos usados nas reuniões, assim como o site e o encontro anual do grupo).

As reuniões se fazem em salas pertencentes a igrejas católicas ou, às vezes, protestantes, onde também funcionam outros grupos de ajuda. A maioria das participantes do MADA tem transitado por outros grupos

---

<sup>2</sup> [http://www.madapara.com.br/como\\_funciona.html#instrumentos](http://www.madapara.com.br/como_funciona.html#instrumentos), consultado em 20 de agosto de 2010.

de ajuda, especificamente por: Al-Anon (familiares e amigos de AA), Coda (Co-dependentes Anônimos), Dasa (Dependentes de Amor e Sexo Anônimos), CCA (Comedores Compulsivos ,Anônimos), Nar-Anon (parentes e amigos de Narcóticos Anônimos)<sup>3</sup>

Neste artigo a análise foca nas gramáticas emocionais que se tecem na configuração do “amar demais” como doença. Vamos encontrar, em primeira medida, uma explicação da gramática da dádiva presente nas experiências das participantes do grupo, depois se analisará a participação do dinheiro nesta gramática. Na última parte, observaremos como se produz o contágio emocional, sua relação com a gramática da compaixão com a categoria de vítimas que, como veremos, têm características próprias no MADA. A técnica metodológica utilizada é um dia ideal que servirá como fio condutor do texto. Na realidade este dia não existiu: foi construído a partir das muitas experiências vivenciadas durante o campo que aparecem de forma condensada e trechos de entrevistas. Esta estratégia foi utilizada com o objetivo de condensar a informação coletada e de preservar o anonimato do grupo.

### **Um dia de sala**

Hoje o tempo parece estar perfeito, próprio do outono, não está fazendo frio nem calor, razão pela qual a sala está cheia, pois quando chove ela sempre

---

<sup>3</sup> No Brasil existem vários grupos de ajuda mútua que praticam os doze passos de AA como: EA (Emocionais Anônimos), (membros jovens do Al-Anon), FA (Fumantes Anônimos), JA (Jogadores Anônimos), NA (Narcóticos Anônimos), VIA (Vítimas de Incesto Anônimos), NA (Neuróticos Anônimos), Psicóticos Anônimos, FAA (Filhos Adultos de Alcoólicos), Aidéticos Anônimos, Gastadores Anônimos, Devedores Anônimos, Adictos de Açúcar Anônimos, Introversos Anônimos.

fica vazia. Chego muito cedo, pois tenho o encargo de secretária e devo arrumar a sala e fazer o café. Logo chegam duas participantes que se dispõem a me ajudar na arrumação, uma colocando três cartazes, um que lembrava o lema do anonimato, outro que dizia “evite os relacionamentos destrutivos” e, por último, a oração da serenidade, enquanto a outra coloca as cadeiras em círculo. Arrumo a mesa principal, colocando uma toalha e sobre ela as fitas brancas para dar boas-vindas às recém-chegadas junto com os folhetos com os endereços de todas as salas, as apostilas que estavam à venda, os livros “Mulheres que Amam Demais” e “Meditações para Mulheres que Amam Demais”, as caixas de lenços e, por último, os folhetos.

As participantes chegam aos poucos, todas me cumprimentam de uma forma muito íntima, falamos sobre o clima, o gostoso que estava o dia e das preferências de cada uma sobre o tempo. Nesse momento, uma das mulheres troca de tema abruptamente, parecendo um pouco conturbada, começa a chorar e diz que não aguenta mais a situação, que “o cara” não para de ligar e ela não consegue não atender, que “o cara” é psicopata, um bipolar, que algumas vezes diz que ela é a mulher de sua vida e outras “bota ela lá no chão”, humilhando, falando que ela é gorda e feia. Eu pego uma caixa de lenços e passo para ela ao mesmo tempo em que lhe dou um abraço, outra companheira que tem muito tempo de irmandade pergunta o que ela responde a esse cara indisponível e ela diz que fala que agora as coisas não iam seguir igual, que ela está tentando mudar e que já não interessa o que ele pensa, sempre pede para ele não ligar mais para ela e que muitas vezes desliga o telefone. A outra tenta explicar que essa atitude do cara se deve ao fato de ela estar tentando impor limites e que por isso ele está achando estranho, pois está acostumado a que ela esteja sempre disponível para ele, mas que é assim

mesmo, que tem que ter muita serenidade e que um dia ela irá conseguir tirar esse homem de sua vida e não atender mais o telefone. E explica que também tinha passado pela mesma situação.

As mulheres que chegam hoje são de diferentes idades e eu percebo uma diferença com as salas que frequentei aos sábados, porque na maioria das vezes havia pessoas de mais de 40 anos. As que estão há mais tempo no grupo parecem estar mais arrumadas do que as que estão há menos tempo. Finalmente, chega a pessoa que tem o encargo de coordenar e me pergunta pela tesoureira, ao que lhe respondo que esta sala não tem. Então, ela olha para uma jovem que tem vindo assiduamente às reuniões e pergunta-lhe se quer ser a tesoureira, ela responde que não, pois não se sente preparada por ter pouco tempo no grupo. Eu lhe pergunto então se quer ser representante de intergrupo e ela responde que não sabe o que é isso. Então informo que é o encontro mensal no qual se organiza a literatura das diferentes salas, assim como os folhetos, as fitas e os eventos, cujo principal objetivo é levar a mensagem às mulheres que ainda sofrem e que a função da representante é levar as informações sobre o funcionamento da nossa sala e ao mesmo tempo trazer as novidades e que, como todos os encargos, seria por um período de três meses. Ela diz que está interessada e a coordenadora responde que na metade da reunião, na consciência coletiva, colocará em votação se ela pode assumir esse encargo.

Às sete horas em ponto começa a reunião. A coordenadora inicia a leitura de uma apostila na qual dá as boas-vindas ao grupo, em especial a uma mulher que assiste pela primeira vez e parece um pouco tímida, dizendo: - Você é a pessoa mais importante desta reunião! A mulher agradece com um movimento de cabeça. Em seguida a coordenadora explica-lhe que na primeira parte da

reunião ela deve ficar em silêncio, observando qual é a dinâmica do grupo e que após o intervalo haverá um espaço de tempo para ela falar. Continua, explicando em que consiste o programa dos doze passos para MADA. Pede que sejam desligados os celulares ou quaisquer aparelhos que emitam som, em seguida solicita que façamos um instante de silêncio e reflexão nos propósitos que cada uma tem para estar aqui. Após esse momento, rezamos a oração da serenidade:

“Concedei-me Senhor a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar; coragem para modificar aquelas que posso e sabedoria para distinguir umas das outras.”<sup>4</sup>

A coordenadora continua a leitura da apostila, explicando que os únicos requisitos para estar na sala são o desejo de deixar de ter relacionamentos destrutivos e conservar o anonimato das demais colegas presentes, pois o silêncio também faz parte da recuperação. Neste momento ela explica que é chegada a hora do estudo da literatura do MADA, que corresponde à leitura dos doze passos e que vai ler o quarto passo: “Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmas”. Cada uma das participantes lê um pedaço do texto, o que demora aproximadamente cinco minutos.

Em seguida se abre o espaço para fazer os depoimentos que falem sobre este passo, lembrando que não se podem usar palavras de baixo nível, nem palavrão. Só se pode usar o pronome “eu”, nunca “nós” ou “a gente”, visto que o objetivo do grupo é ajudar as pessoas com a experiência de cada uma, mas não se devem dar conselhos para as companheiras. Isto, contudo, é relativo, pois no

---

<sup>4</sup> [http://www.madapara.com.br/como\\_funciona.html#instrumentos](http://www.madapara.com.br/como_funciona.html#instrumentos), consultado 4 de novembro de 2010

momento do intervalo e ao final da reunião todas dão conselhos. Depois se pergunta quem quer falar sobre este passo. Também se explica que se poderá falar por cinco minutos.

Mercedes levanta pede a palavra e começa dizendo: - Boa noite! Sou Mercedes. Sou uma mada em recuperação. E todas respondem em unísono:- Oi Mercedes! Ela continua o seu depoimento dizendo: - O quarto passo é talvez um dos mais importantes.

Várias das colegas assentem com a cabeça, o que parece indicar que concordam com a ideia expressa pela companheira.

- Estou neste momento tentando fazer meu inventário, realmente é muito doloroso ver toda uma vida de sofrimento, ver que eu vim de uma família totalmente disfuncional, eu cheguei aqui foi porque eu estava num relacionamento muito destrutivo, porque eu sofria, melhor, permitia uma série de humilhações e, inclusive, um mês antes de entrar no grupo tinha feito um aborto com três meses e meio de gravidez, pois a pessoa com que me relacionava se negava a me dar esse apoio. Sofri muitas humilhações, agressão física, verbal, perdi toda minha personalidade, percebi que eu não existia mais, que eu praticamente não existia mais!

Tenho um filho de quatro anos que há três anos eu estava negligenciando. Eu trabalhava em frente à pessoa com que me relacionava e sofria uma série de degradações, não tinha mais amigos, sofri um isolamento total, no qual vivia 24 horas por dia pensando no que ele estava pensando, fazendo, sentindo e aceitando qualquer tipo de coisa. Eu cheguei a ponto de apanhar, sendo empurrada no chão e pedindo: “Pelo amor de Deus, não vá embora!”, mesmo depois de ter apanhado dessa pessoa.

No dia em que vim para a reunião pela primeira vez, ele tentou terminar novamente, mas eu pedi que não o fizesse, que eu entendia que a gente não poderia ficar junto. Fiquei muito mal e pedi que esperasse, que eu conseguiria, que iria nesse grupo e conseguiria me desvincular emocionalmente. Falei: - Eu sou dependente de você emocionalmente! Eu respirava completamente o ar dessa pessoa. Tudo o que eu fazia, todos os meus sentimentos, eram relacionados a atitudes dele, os lugares que eu gostava, as coisas que eu queria fazer, tudo o que eu queria fazer era em codependência dessa pessoa, relacionado a ele, ou para puni-lo, ou para agredi-lo, enfim.

Nesse momento chega outra colega e faz um pouco de barulho quando abre e fecha a porta. É uma pessoa que me conhece e dá uma piscadela enquanto eu devolvo o cumprimento balançando a cabeça e sorrindo pra ela. Ela senta num lugar vago ao meu lado e perco a concentração no depoimento da companheira. Tento voltar a me concentrar, quando vejo que várias colegas também tinham perdido a concentração. Mercedes fica em silêncio por uns segundos, toma um pouco de ar e continua com seu depoimento.

- Eu realmente sofri traição no início do relacionamento, foi muito sofrimento na verdade. Sofri humilhação por parte da família dele. Eu tenho uma condição socioeconômica que não é ruim, é relativamente boa, quer dizer, eu não tenho, mas a minha mãe tem. Eu sou dependente financeiramente dela, moro num bom condomínio, num bairro nobre da zona norte, não precisava passar por humilhação. Quando eu estava grávida um cara falou pra mim que eu queria depender economicamente da mãe dele. Eu não preciso. Fui expulsa várias vezes da casa dessa pessoa, fui empurrada e não queria ir embora. Eu não tinha nenhuma noção de quem eu era, do que

queria, eu tinha um buraco muito grande... Então a coordenadora mostra um cartaz que sinaliza que faltam dois minutos para acabar o depoimento. Ela agradece.

- Eu tinha um buraco muito grande que tinha que suprir de alguma forma e cada vez mais me enfiava no fundo de poço, não sabendo por onde sair e a gravidez foi o pior de tudo. Depois tive que tirar com três meses de gravidez, que já é uma criança realmente formada, porque sabia que seria uma loucura e mais por causa do cara, porque ele não queria. Mais uma vez eu fiz o que essa pessoa queria. Realmente vi que eu tinha perdido o domínio da minha vida a ponto de ficar bêbada e essa pessoa sair correndo e eu correndo, correndo mesmo, atrás dessa pessoa na rua, pedindo: “Pelo amor de Deus, não vá embora!” Eu chorava, fazia escândalo em vários lugares, dormia com medo e acordava com pavor, sempre com medo da reação do outro. Era realmente muita dor que eu sentia, não foi uma etapa muito fácil, passei um ano e dois meses com essa pessoa, já tenho um mês e pouco de separação e durante esse relacionamento acho que na verdade eu não existia, acho que tinha uma carência muito grande, muito forte. Fazendo o inventário, descobri que tinha problemas de família disfuncional. Minha mãe é uma pessoa muito agressiva, meu pai uma pessoa indisponível, minha mãe é controladora, ela nunca se importou com meus sentimentos, nunca se importou se eu estava bem, ela sempre quis controlar o que eu ia fazer.

Mercedes começa a chorar, levanto-me, pego a caixa de lenços e dirijo-me a ela, passo minha mão nas suas costas enquanto entrego a caixa. Ela agradece, faz um suspiro largo e continua com o depoimento, enquanto a coordenadora mostra outro cartaz que sinaliza que o tempo dela acabou. Ela agradece e diz que vai concluir.

- Aprendi a me relacionar assim com as pessoas, exatamente por eu ter personalidade de controle, eu sempre queria controlar com medo de perdê-las, com medo do abandono e isso me fez atrair esse tipo de pessoas que poderiam me abandonar, a solidão a dois é a pior que existe, do tipo que você está com uma pessoa, mas ela te faz mal, você sente medos, que são sentimentos provenientes dessa família, aquele pai que não estava disponível emocionalmente e aquela mãe que só sabia me acusar, xingar, enfim. E foi o tipo de pessoa que arrumei para mim: esse cara, que também reproduziu os mesmos sentimentos que eu tinha com aquela mãe.

Novamente a coordenadora mostra o cartaz do tempo e ela pede mais um minuto para concluir.

- Quando entrei, vivia 'adrenalizada' o tempo todo, preocupada com o que o outro estava fazendo, controlando sua vida, tecendo o ego de outra pessoa em vez de cuidar de mim, esquecendo-me das coisas importantes da minha vida, porque minha família é disfuncional sim. Mas meu filho não faz parte disso, ele acabou de nascer, enfim, foi por isso que eu entrei nesse grupo, pra salvar minha vida, porque realmente eu já estava morta, hoje estou viva, obrigada por vocês me ouvirem, desculpa por passar do tempo!

- Obrigada Mercedes! Diz a coordenadora, acrescentando em tom de advertência, com uma frase rotineira no grupo: - Lembrando que sou impotente perante o tempo e que só são cinco minutos pra cada depoimento.

Quando Mercedes termina, a coordenadora explica que agora vai abrir para depoimentos que dêem força, fé e esperança e que ajudem as colegas no processo de recuperação. Pergunta quem quer falar e duas pessoas levantam a mão, ela dá a palavra a Libertad, enquanto inscreve as outras num papel:

- Boa noite! Sou Libertad, sou uma mada em busca da recuperação. Hoje quero começar agradecendo a presença de todas vocês, pois realmente não tem melhor terapia que esta. Nenhuma terapia de 200 reais poderia substituir o que as colegas revelam para mim nesta sala, ou melhor, o que o poder superior revela falando através das colegas. Neste mundo, encontrar um lugar onde as pessoas te escutam vale ouro. Também ouvir vocês é muito importante para poder linkar a minha vida na história do outro e assim driblar esses barulhos que tenho dentro de mim. Numa outra reunião, escutei de uma companheira uma coisa que me fez cair a ficha. Ela falou que era tolerante à dor e eu nunca tinha percebido que pra mim a dor partia disso também, só escutando essa pessoa que eu percebi isso, eu acho que o poder superior me bota para escutar o que eu preciso ouvir, para poder linkar em minha recuperação. O escutar é perceber que não estou mais sozinha, que não estou mais sozinha naquilo que sinto. Por exemplo, aquele problemão que era só seu, você pode ver que pode dividir com outro, você acaba entendendo mais o outro, o que o outro sente. Antigamente, eu percebia que minha vida era uma roda, sempre acabava voltando no mesmo ponto. Depois, percebi que eu precisava passar de novo pelo mesmo processo para aprender, enquanto eu não conseguisse me desvencilhar daquele ponto, não conseguiria ir para frente. Então, só escutando o outro vou linkar em minha recuperação. Gente! Como é importante para mim falar nesta sala! É começar a exorcizar aquilo que você precisa desabafar. Muitas vezes, falando, eu comecei a ter o link do despertar espiritual, entender momentos de minha infância e o momento que eu vivo hoje, o porquê do meu comportamento, tudo isto eu linkei falando, escrevendo também. Por exemplo, quando descobri que foi minha mãe que me impediu de ter contato com o primeiro homem, senti muita raiva dela.

Então, só escrevendo, fazendo inventário, falando para logo linkar com meu comportamento é que estou começando a me recuperar.

De repente, outra participante começa a chorar e eu levanto, pego a caixa de lenços e passo para ela, enquanto a companheira que tinha a palavra faz uma pausa e continua dizendo:

- Por isso é importante manter este lugar, manter a sala aberta e agradeço muito ao serviço da junta que está hoje mantendo a sala aberta e às companheiras que estão vindo pela primeira vez. Sejam muito bem-vindas! Continuem voltando, o segredo está na próxima reunião, realmente vocês vão ver que a programação funciona. Acho que ainda tenho mais uns minutos, gostaria de deixar uma coisa que esta semana me esteve atormentando muito: estou perto de fazer aniversário, vou fazer 35 anos e acho que meu tempo está acabando pra conseguir a pessoa certa. Minha mãe já falou isso pra mim e eu acho que ela tem razão. Eu já tive muitos homens em minha vida, inclusive três filhos de diferentes pais, mas sempre dá errado, parece que o problema realmente sou eu e começo a ficar com muito medo da solidão, quero pedir nesta sala muito ao poder superior que dê a serenidade para enfrentar estes medos. Obrigada mais uma vez por vocês me ouvirem e pelo serviço!

A coordenadora continua dando a palavra a Paloma:

- Boa Noite! Sou Paloma, sou uma mada em recuperação. Realmente quero agradecer o depoimento de Libertad, pois me senti muito identificada quando falou que sente que já perdeu a hora de encontrar a pessoa certa. Esta semana eu também fiquei pensando no mesmo e às vezes, acho que é essa a razão pela qual eu não posso tirar esse homem de minha vida, meu namorado é dependente químico e eu sou dependente dele, essa é minha verdade.

Nesse momento, Paloma começa a chorar e uma companheira que está mais perto dos lenços passa um para ela. Ela não consegue parar de chorar e a coordenadora pergunta se ela quer parar e depois volta a dar-lhe a palavra. Ela diz que não, respira fundo e continua:

- Esta semana chorei o tempo todo, mas pelo menos consegui dar aula, embora ficasse deprimida a semana toda. Num momento de fragilidade, voltei a ligar para ele e o esperei na saída do trabalho, então parece que estamos voltando, mas também estou querendo controlar tudo o que ele faz. Por exemplo, encontrei um terapeuta muito bom, em Belo Horizonte, especialista em dependência química. Embora tivesse que pegar uma vez por mês um avião pra ir até lá, ele me deu um limite e me disse que não, que ele não ia fazer isso só porque eu queria. Realmente, eu acho que perdi o controle de minha vida por estar querendo controlar a vida do outro.

Obrigada por vocês me ouvirem! Mais 24 horas de recuperação.

### **A dádiva e a troca justa**

A partir deste dia ideal observamos que nas experiências das participantes há aspectos que poderíamos relacionar com o amor romântico. O excesso é um deles, porém estes aspectos se apresentam de maneira paradoxal, pois produzem uma quebra grosseira na estética que pressupõe este tipo de amor, dada pela percepção de que haveria uma “ruptura” na dádiva intrínseca ao ideal do amor romântico. Esta ruptura derivaria da assimetria na quantidade de amor que oferecem em seus relacionamentos, assim como na quantidade de dinheiro, tempo e interesse. Então, esse conjunto de práticas de si supõe um trabalho que

poderíamos chamar de “economia dos vínculos sociais”, ou seja, neste ideário o amor se deve ter e oferecer numa medida certa com o propósito de encontrar um estado de equilíbrio, encontrando assim as emoções quantificadas e até racionalizadas, ao menos no ideal a ser atingido.

A dádiva foi estudada por Marcel Mauss (1979) em seu célebre “Ensaio sobre a Dádiva” onde analisa o sistema de transações humanas de trocas de presentes teoricamente voluntários, mas na realidade obrigatórios, e que se encontra inserido em todos os aspectos da vida das sociedades (direito, economia, moral, religião). Ao revelar o caráter obrigatório e coercitivo da dádiva, também mostra o que se poderia chamar a “gramática da dádiva”, que possui três momentos básicos: dar, receber e retribuir, explicando que não só se está obrigado a dar, mas também a receber e a retribuir outro presente, sob pena de provocar guerra pública e privada, ou de desprestígio. Este sistema de prestações e contraprestações é definido por Mauss como prestações sociais totais, pois, conforme dito linhas atrás, a dádiva perpassa todos os aspectos da vida e envolve todos os membros das tribos. Em outras palavras, a dádiva é um fato social total, pois todos determinamos e estamos determinados por ela.

A hipótese que gostaria de explorar aqui é a existência de uma versão particular da dádiva no universo da ajuda mútua: *aqui, dar-receber-retribuir se tornaria falar-escutar-retornar*. Contudo, esta “gramática da dádiva” possuiria algumas particularidades, pois o dar parece se confundir com o receber. Quando uma pessoa fala está ajudando a si mesma; já como um fato secundário e resultado deste ato, o ouvinte poderia se identificar e também receber

ajuda. Por outro lado, o escutar também tem as duas faces, pois a pessoa pode se ajudar escutando o depoimento da outra, mas também faz o favor de dedicar tempo a essa pessoa falante. Ou seja, nos dois casos parece que tanto se recebe quanto se dá.

Nessa mesma linha de reflexão inspirada nas teorias da dádiva, o desequilíbrio no balanço emocional é atribuído pelo discurso prescritivo à falta de autoestima, pois ao não se valorizar e não amar a si mesmas as participantes passariam a gostar mais dos outros, o que é um aspecto central na configuração do amor como doentio. A terapia base da ajuda mútua se denomina terapia do espelho, que consiste em olhar, se ver, escutar e aprender das experiências das outras companheiras. É assim que a dádiva também se situa como o aspecto central. Aqui existe um equilíbrio ideal da dádiva, mas às vezes este também se quebra quando uma companheira começa a ligar exageradamente ou a fazer algum tipo de ato considerado abusivo, ou melhor, excessivo<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Vemos nesta forma particular de dádiva que parece existir um aspecto paradoxal, por um lado vemos que o grupo pratica uma série de terapêuticas com o objetivo de conseguir um sujeito que olhe para dentro de si, um sujeito narcisista, visto que são pessoas que desejam criar vínculos sociais transbordantes: Amam demais, aspecto que é chamado de doença, por outro lado através dos mesmos vínculos que se tenta conseguir a cura. Esta contradição parece se solucionar se pensamos estas práticas como parte do resultado do processo de individualização. Norbert Elias (1994) afirma que, a partir da formação da autoconsciência correspondente à estrutura psicológica estabelecida em certos estágios do processo civilizador, criou-se uma autoimagem que nos faz pensar na existência de um eu “puro” que estaria isolado da sociedade. Esta sensação foi produzida historicamente através da autorregulação e autocontrole, gerado no inter-relacionamento com os outros, o que pode ser uma chave para pensar que as práticas de inter-relacionar-se e assim observar os outros funcionam como parte do processo de observar para dentro de si desde fora. Por meio dos “espelhos” se dá a possibilidade de se alterar, criando uma sensação mais forte de um sujeito que se sente autônomo e individualizado.

A gramática da dádiva falar-escutar-retornar presente no grupo MADA apresenta aspectos que merecem ser observados com maior profundidade:

- Falar

Eu me sinto muito à vontade de compartilhar as minhas experiências, me sinto muito acolhida lá. Tudo o que eu falo as companheiras, elas parecem estar interessadas no que eu falo. Existe uma troca muito de experiências, quer dizer, aquilo que eu passei algumas vão passar ou já passaram, então é o lugar que eu me sinto mais à vontade pra falar sobre essas questões, e eu não costumo falar dessas questões, de questões de relação a dois, de relacionamento, a dor de viver, a dor de não ser compreendida. Lá fora ...eu costumo não falar fora do MADA, porque eu acho que as pessoas não estão preparadas, não vão me dar a devida... atenção, a devida... respeito, que eu tenho no MADA. Então, compartilhar no MADA é tudo, é a melhor coisa que se existe nesse momento de aflição, de dor, e saber que tem alguém que vai te escutar, que vai te acolher, que vai te atender, que vai falar pra você: vai passar, é isso. Compartilhar pra mim é uma... é um... não é só tomar um remédio, é poder expurgar aquele mal, é poder colocar aquele mal pra fora, é desabafar o mal, é... colocar pra fora, de você uma coisa que me aflige, me causando conflito, botar o medo pra fora, botar confusão pra fora, de poder respirar coisas boas de volta. (Paqueta, 36 anos)

Pra mim significa, falar na sala é falar de mim, porque o remédio entra pela boca e sai pelo ouvido. Então, é tão importante você falar quanto você escutar, porque você falar é importante, porque você está falando aí, se libertando, colocando, se libertando através de sua verdade, colocando ali, se mostrando, se despindo. Então, aquela maneira de sair daquele pedestal do orgulho e falar: eu sou

assim. Mas quando a pessoa consegue ser honesta, pra mim eu procuro falar de mim e com honestidade, falar coisas boas ou coisas ruins, falar a verdade: eu fui assim, assim, assado. Me denunciar. Pra mim, falar é importante quando você fala no sentido de se denunciar, ou então, falar no sentido de conseguir agradecimento de vitória, sabe? É importante falar, como é importante escutar também. (Alicia, 48 anos)

Na gramática da dádiva, falar é a primeira regra, mas também é um dos aspectos que fazem uma quebra da estética do amor romântico ao comunicar o incomunicável. Contudo, no ato de falar a pessoa ajuda os outros com sua experiência, o que é uma consequência indireta do objetivo principal: ajudar a si própria. Porque falar, como as entrevistadas apontaram, é colocar a dor e o sofrimento “para fora”, é uma parte do trabalho de cura - “o remédio entra pelo ouvido e sai pela boca” -, consistindo em expurgar aquele mal que leva dentro. No discurso do grupo, circula a ideia de que o uso de linguagem médica não tem caráter metafórico, no MADA se acredita que amar demais é realmente uma doença de tipo crônica, progressiva, que não tem cura e que pode causar a morte, se não for tratada.

Contudo, no grupo MADA existe um caráter metafórico do amor, que pode ser explicado a partir do trabalho de Susan Sontag, *A doença como metáfora* (1984), que mostra como as metáforas que cercam a tuberculose, como por exemplo, que sua causa é dada por uma paixão desbordante, fazem com que exista uma romantização desta doença. De igual forma, no primeiro capítulo realizamos um percurso pelas associações realizadas em diferentes momentos históricos entre o amor e as

doenças. Poderíamos dizer então que fizemos o caminho inverso ao de Sontag: uma patologização do amor.

Não obstante, nos dois caminhos, tanto na romantização da doença quanto na patologização do amor, a metáfora é o veículo que permite o passo de um campo para outro, no caso das emoções para o da saúde e vice-versa. Desta maneira, poderíamos entender que essa metaforização do amor como doença pode ser uma condição necessária para considerar este sentimento desbordante como doença.

Nos dois caminhos, de metaforização, o corpo tem uma participação ativa. No primeiro caminho, exposto por Sontag, vemos que a tuberculose foi relacionada com as “qualidades atribuídas aos pulmões, que pertencem à parte superior e espiritualizada do corpo” (SONTAG, 1984, p.12) que fica perto do coração, próximo à alma. Durante o trabalho de campo, observou-se que as metáforas corporais eram muito comuns, por exemplo, uma delas era a chamada “síndrome da abstinência”, que ocorre nos momentos mais altos das crises da doença, em que o corpo treme e sua, o coração bate forte e há insônia, entre outros sintomas.

Nessa metáfora do corpo utilizada pela entrevistada (“o remédio entra pelo ouvido e sai pela boca”), na qual através da fala se pode exteriorizar a dor que estava “dentro”, parece circular a ideia de que as emoções têm um lugar dentro do corpo da pessoa. Mas a fala parece situar-se como um veículo para colocá-las para fora. Neste mesmo sentido, observamos outra metáfora circulando no grupo, a de que a cura por meio da fala só ocorre quando as palavras atingem os sentimentos.

Expurgar, pôr a dor para fora, é também uma forma de libertar-se daquele segredo que estava “preso” na pessoa, em um lugar que vai continuar guardando o segredo devido a um pacto de confiança estabelecido no grupo. Também não se pode falar em qualquer lugar, porque nem todo mundo vai entender. No ideário do grupo, só quem passa pela mesma situação pode fazê-lo, surgindo assim outro aspecto importante: a identificação. Esta é importante devido à banalização que tem sido sofrida pelos temas do amor. No momento em que falam de seus dramas, podem correr o risco de ser ridicularizadas. Por isso, falar também pode ser interpretado como um ato de humildade, à medida em que a pessoa reconhece seus erros e se dispõe a tentar repará-los.

Falar com pessoas que têm passado pelas mesmas experiências de sofrimento, ou seja, a cura pela identificação parece, à primeira vista, ser o avesso da terapia com um profissional que pode ajudar precisamente por seu olhar distanciado, visto que o paciente não é capaz de perceber sozinho o que está acontecendo consigo. Não obstante, de acordo com o ideário de o grupo ver-se nas experiências dos outros pode ter efeito terapêutico, considerando que esta alterização permite ao sujeito fazer um trabalho simbólico, no qual sai de dentro de si mesmo para conseguir se enxergar de fora.

- Escutar

Na segunda parte da gramática da dádiva, equivalente ao “receber”, vemos que o processo de identificação pode se apresentar de várias formas, por exemplo, quando as pessoas que chegam pela primeira vez depõem, há outras

que se identificam por estar vivendo o mesmo drama e as mais antigas, porque já passaram por isso, podem se ver em retrospectiva, como mostra o seguinte trecho de entrevista:

Pra falar a verdade, eu gosto muito de escutar o depoimento das novas. Mais do que os das antigas. Porque as novas, elas sempre me trazem a minha história, me fazem eu lembrar de onde eu vim, eu acho isso e o grande barato do programa. Eu jamais posso me esquecer do primeiro dia que eu coloquei os pés na sala, porque eu acho... eu não posso me comparar a ninguém, a não ser como eu cheguei e como estou hoje, toda vez que eu escuto o depoimento de uma pessoa nova eu me identifico, vejo como eu cheguei e como eu caminhei. Não que eu dei valor aos depoimentos das pessoas mais antigas, claro que eu dou! Mas o que eu mais gosto realmente de ouvir é a história das pessoas novas, porque as pessoas novas me fazem me manter no programa né, pra ser um exemplo de que o programa funciona. Essa é a meta do programa. (Clarita,43)

É muito interessante porque por mais que eu hoje tenha conhecimento, né de mim e da doença em si, e da recuperação, quando chega uma pessoa com uma história, assim, numa situação no fundo do poço, uma coisa muito trágica, meu sentimento, eu sinto a mesma dor que aquela pessoa sente, porque eu sei, se eu bobear, se não ter a programação, como não tem cura eu tenho que ficar nessa autoanálise a vida toda para não cair na esparrela de voltar a recair na doença, né? Porque a doença é emocional, então quanto mais eu me conheço, mais eu me descubro, mais eu trabalho em mim, mais eu estou não indo para a doença. Em relação às pessoas que chegam e às partilhas, o sentimento é o mesmo, porque eu sinto que aquilo ali já está dentro de mim, aquela mulher

sofrida, ela pode vir em qualquer momento, é só eu dar uma cochilada, porque eu já tou em um espaço, assim eu já sei como me defender. (Aura, 53 anos)

A identificação de Clarita com os depoimentos das pessoas que vão pela primeira vez se dá não porque ela no momento esteja se sentindo assim, mas sim porque no passado já o sentiu e agora ela é um exemplo da possibilidade de superação do problema. Por sua parte, Aura sente que ao ouvir o depoimento de uma pessoa nova, faz lembrar que ela também passou pelo mesmo, mas que em qualquer momento pode reincidir no problema. Nos dois depoimentos, podemos observar que o fato de escutar uma pessoa que está começando no grupo sinaliza para as antigas que têm feito uma espécie de “carreira moral<sup>6</sup>” (GOFFMAN, 2006), um trabalho de transformação que está determinado pelo antes e depois de estar no grupo, aspecto muito recorrente nos discursos das participantes.

O tempo parece ser uma categoria moralizante nas experiências das participantes do grupo, o que está relacionado também com o conceito de carreira moral. O tempo de participação no grupo parece ser um lugar a partir do qual se fala, que está marcado simbolicamente por uma fita que se recebe anualmente, produzindo certa legitimação a seu discurso. Embora nos grupos de ajuda mútua se fale que todos só têm vinte e quatro horas de recuperação, no MADA normalmente todos sabem

---

<sup>6</sup> Carreira Moral: conceito usado por Goffman (2006) em relação às pessoas estigmatizadas para referir-se ao conjunto de experiências de aprendizado de sua condição, assim como das modificações na concepção do seu eu. Em alguns momentos deste processo é possível para o indivíduo estigmatizado revisar sua própria carreira moral, o que possibilita escolher e elaborar retrospectivamente as experiências que permitem explicar a origem das crenças e das práticas que agora têm a respeito de seus iguais e dos normais.

quanto tempo de participação têm suas colegas; não obstante, o que poderia ser legitimador pode se converter em motivo de julgamento, pois, por exemplo, quando uma pessoa tem uma recaída, sempre é avaliada pelo grupo em termos do tempo de participação, ainda que de maneira sutil, o tempo então se situa como uma categoria moralizante.

Nessa carreira moral existe uma lógica de aperfeiçoamento de si. Um discurso frequente é que o “programa de recuperação” não busca fazer pessoas perfeitas, mas sim promover um aperfeiçoamento que se dá através do controle afetivo, buscando uma transformação que opera principalmente por via emocional (REZENDE, 2011) e que tem como ideal encontrar o equilíbrio, o que pressupõe fazer uma autoavaliação constante de cada uma das atitudes e sentimentos dos sujeitos.

- Retornar

O que eu vejo do retorno... eu nunca tive problemas com o retorno, meu problema mais era com uma pessoa que vinha me julgar. Por que você não termina o relacionamento? Isso é ruim, esse tipo de retorno é ruim né? Eu aprendi que se pode dar um retorno, eu posso falar pra você com tranquilidade, isso tranquiliza muito, você pode me dar, eu posso falar de sua história, eu me identifiquei com sua história, a gente pode falar, isso é um retorno sadio. Mas retorno de julgamento, eu não vou lá pra fazer julgamento, isso acontece com o marido, quando faço ele de companheiro eu vou contar a história pra ele, ele me julga, eu fico brava, eu quero que você me ouça, julgar já basta meu julgamento. A pessoa que mais me julga sou eu mesmo, então assim, o retorno é mais um julgamento. Quando você vê a pessoa que dá o retorno também... é absurdo ela

usar o tempo pra falar da vida do outro.”  
(Matilde, 30 anos)

O retorno no grupo, supõe-se, não pode ser um ato direto nem programado pelas falantes para uma ouvinte específica; neste sentido, a contraprestação deve ser só proferida sem pensar num receptor específico. É trabalho das ouvintes escolher o que se recebe e o que não se recebe, por isso no começo da reunião se fala que não se deve dar conselhos. Também não se deve utilizar o pronome “nós” (ou “a gente”), só se deve usar “eu”, em primeira medida para que a pessoa reconheça que tem um problema, mas também para evitar o julgamento. A esse respeito, é comum escutar a frase “eu só posso falar por mim”.

Contudo, durante o trabalho de campo pude observar que no intervalo e no final da reunião parecia existir uma explosão de conselhos mútuos que contradiziam esta regra do grupo. Além disso, pareciam circular interminavelmente as mesmas ideias uma e outra vez. Conceitos como “família disfuncional”, “homem indisponível”, “autoestima”, “autoconhecimento”, “autocontrole”, “equilíbrio”, entre outros, se repetiam constantemente nas falas das participantes. Este fato se esclareceu ainda mais numa semana em que tive que fazer duas entrevistas: a primeira pessoa estava há mais de sete anos no grupo e a segunda estava há poucos meses, porém as duas usavam as mesmas expressões e tinham as mesmas clarezas e domínio para explicar a literatura prescritiva.

Quando acabei de entrevistar a pessoa que tinha menos tempo no grupo, desliguei o gravador, agradeçi por sua ajuda e a parabenizei pelo domínio que tinha da

literatura, ela me respondeu numa frase que guardei no diário, algo como “pelo menos a parte do discurso eu já entendi, já ficou claro pra mim, agora só falta pôr em prática”. Este fato pode nos fazer pensar não só que existe uma dissociação entre a prática e o discurso, mas também que o discurso é o mais relevante nas experiências das participantes. Este discurso, porém, possui uma característica: a *repetição*.

Este fenômeno pode ser entendido seguindo a sugestão de Coelho (2009), que a partir de uma etnografia de um encontro de segurança pública de mulheres mostrou que, no segundo dia do evento, quando se pediu às mulheres que fizessem propostas para solucionar os problemas de segurança, os diferentes grupos, ao fazer suas reivindicações, pareciam redundar nas ideias, sem ter a mínima discórdia entre umas e outras. A autora observou que o enunciado sempre era o mesmo, mudando apenas o enunciador, que tomava como suas as convicções dos especialistas no tema da segurança pública, não como um mero eco, mas sim como uma apropriação na qual o enunciado perde sua autoria original. Em suas palavras:

O sentido último deste aparente discurso da redundância emerge aqui: ao *decidir repetir*, o sujeito faz *algo de novo*, em seu duplo sentido: ao fazer algo ‘de novo’ (no sentido de fazer ‘outra vez’), ele faz algo ‘de novo’ (no sentido de ‘inédito’). E este algo inédito é a instauração de si como sujeito desta verdade (p.131).

Embora no caso do MADA não houvesse uma perda da autoria, porque na verdade a maior parte das participantes, ou pelo menos as mais ativas, tinham uma referência clara da autora do livro *Mulheres que Amam*

*Demais* e dos doze passos, o que nos mostra o caso da entrevistada mais nova no grupo é que o importante não é que ela pudesse praticar as orientações da literatura, mas sim enunciá-las: “Ela se torna minha verdade, porque agora sou eu que a enuncia”. (COELHO, 2009, p.131)

### **O dinheiro e a dádiva**

Depois do depoimento de Paloma, a coordenadora olha o relógio e diz que é a hora da sétima tradição. Pede para Isaura, uma participante antiga no grupo, explicar em que consiste esta tradição.

Ela diz: - Boa Noite eu sou Isaura, sou uma mada em recuperação! A sétima tradição é tudo, sabemos que os passos são a base para relacionar-me comigo mesma e as tradições para relacionar-me no grupo. Eu sou do time que fala que é pra botar as tradições em primeira pessoa, então a sétima tradição me ensina que eu devo ser economicamente autossuficiente e, além disso, ensina-me a me relacionar com o dinheiro, porque faz parte de nossa doença não fazer um bom uso dele. Eu fui daquele perfil que dava todo meu dinheiro para o cara, eu paguei o aluguel dele, sempre que saíamos eu pagava a conta, pagava conta de motel, eu fazia o papel do homem, até cueca comprei pra ele, contas de celular altíssimas, não imaginam quanto dinheiro eu perdi! Hoje eu não quero mais isso pra minha vida.

Nesse momento as outras participantes começam a rir. Isaura ri também, e continua falando: - Estão rindo? É verdade! Nunca mais esqueço uma Páscoa em que saí enviando uma cesta de chocolates pra ele e naquele mês não consegui pagar meu aluguel. E pior ainda, ele nem me ligou esse dia! Esta doença atinge o nível espiritual e também o material, então a sétima tradição diz que o dinheiro que se recolhe na sacola hoje é um investimento em mim, pois com ele posso, podemos pagar o aluguel da sala, comprar o

lanche, mantendo a sala aberta. Também é sétima tradição prestar serviço na sala, porque não adianta ter a sacola cheia e não ter uma coordenadora. Então, o dinheiro que antes eu dava para homens “indisponíveis” agora uso para contribuir com o funcionamento do grupo que faz parte de minha recuperação. Obrigada por vocês me ouvirem!

A coordenadora continua diz: - Todos os grupos de MADA devem ser economicamente autossuficientes. Porém, as pessoas que assistem pela primeira vez podem se abster. Vamos passar a sacola em silêncio porque estamos lidando com o material e o espiritual. Nesse momento a sacola começa a ser passada de mão em mão, escutando-se um movimento coletivo de moedas e bolsas. A seguir, tocam a campainha para avisar que têm dez minutos de intervalo.

O excesso econômico mantido durante os relacionamentos é uma constante na maioria das partilhas das participantes do MADA, sendo considerado por elas um dos aspectos que constituem um “comportamento doentio”. Isto é explicado, com base na literatura prescritiva, como parte da falta de autoestima, pois ao não gostar de si mesmas, precisavam “pagar por amor”. Durante a permanência nas salas era comum escutar frases como “esperava que os outros me dessem valor” e “agora eu me dou o autovalor”. Sobre isto faremos algumas considerações. Em primeiro lugar, embora elas considerem que o encontram em si mesmas, parece que esse “valor” só é encontrado a partir dos vínculos com os outros, que oferecem a legitimação e aprovação. Isso que se encontra na inter-relação com os outros possui as características próprias do universo da dádiva, denominado por Jacques Godbout (1992) como o *valor do*

*vínculo* e se apresenta como uma alternativa à dicotomia marxista entre “valor de uso” e “valor de troca”. (COELHO,2006). Em suas palavras:

... para esse fim, não deveríamos acrescentar um terceiro tipo de valor, que seria “ o valor de laço” (valor do vínculo): o que vale um objeto, um serviço, um gesto qualquer no universo dos laços, no reforço dos laços. Esta realidade opõe-se ao valor quantificável, e é totalmente ocultada pelo discurso econômico para o qual o laço é a própria troca, e nada mais. O valor de troca, como o do dom, tende a ser unicamente relacional. Mas ele exprime a relação entre as coisas trocadas, tal como ela é representada pelo dinheiro... Este valor (o do vínculo) não é, contudo, estabelecido por comparação com as outras coisas, mas em primeiro lugar em relação para com as pessoas. O mesmo objeto terá um valor de laço muito diferente, segundo o circuito em que ele se situa. (GODBOUT,1992, p.245)

Contudo, na gramática do amor que se analisa do grupo MADA observamos que existe sim uma quantificação, só que inexata. Ao mesmo tempo parece existir uma sensação de que o mundo monetário corrompe as relações de intimidade que estão sustentadas na gramática da dádiva. No entanto, o exemplo que nos oferece a pesquisa sobre o grupo MADA mostra que as transações econômicas e sentimentais parecem se misturar e o dinheiro se situa como parte do mundo da dádiva, já não só como meio de troca de bens materiais, como no valor de troca, mas também seguindo assim as lógicas do valor do vínculo, visto que sua devolução pode ser dada em tempo, dedicação ou afeto, que foge de uma lógica de cálculo exato, porém continua expressando os

vínculos sociais. Por exemplo, não posso dar ou pedir cem reais de amor, mas posso investir cem reais numa cena romântica e esperar de volta afeto sem que os cem reais investidos na cena corrompam a sinceridade deste ato amoroso.

Nessa economia dos vínculos sociais podemos ver então que existe um papel do dinheiro. Como explica Viviana Zelizer (2009) todos utilizamos as atividades econômicas para sustentar e renegociar vínculos sociais importantes com outras pessoas, especialmente os relacionados com a intimidade. As relações então não só incorporam atividades econômicas, como também se vêem organizadas e dependentes delas; desta forma, podemos observar que no mundo cotidiano as pessoas continuamente estão criando estratégias para incrementar seu proveito pessoal, não como atores estratégicos que atuam um contra o outro<sup>7</sup>, mas sim organizando e renegociando seus lugares por vias econômicas.

Ao tentar explicar as gramáticas produzidas no grupo MADA desde estas perspectivas teóricas, surgem dois questionamentos: Se em geral as pessoas renegociam e sustentam os vínculos sociais a partir de atividades econômicas, porque no caso do MADA estes aparecem como ato doentio? Se o dinheiro não funciona como única matriz quantificadora das relações, quais são as outras formas que produzem o cálculo?

---

<sup>7</sup> Isto pode soar um pouco idílico se temos em conta que algumas relações que têm como objetivo o lucro econômico danificam a integridade de pessoas. A esse respeito, a autora explica que esta afirmação não nega que algumas negociações entre relações, meios, transações e limites se dão mediante a incorporação da injustiça, crueldade, danos ou confusão, não porque misturem atividades econômicas com relações pessoais, mas sim porque são o resultado de um exercício inapropriado do poder. (ZELIZER, 2009, p. 328)

A primeira pergunta poderia ser respondida a partir de dois aspectos: por um lado, pelo fato de serem mulheres, pois parece não concordar com as regras normativas de gênero o papel de provedoras, “eu era o homem da relação”, como afirma Isaura na sua partilha. O ideário do grupo aceita os padrões normativos de gênero e tenta reproduzi-los, o que está legitimado no discurso prescritivo: por exemplo, faz parte do “programa de recuperação” tornar-se mais “feminina”, aspecto que se pratica através do uso de acessórios de cor rosa ou lilás para a arrumação da sala e na fabricação da propaganda do grupo. Por outro lado, e talvez seja esta a principal razão (novamente voltando à ideia inicial com a qual começamos esta parte), o fato de dar em excesso e não ter reciprocidade, ou seja, quebrar a gramática da dádiva, é o que torna doentio o fato de dar, como explica o depoimento de Isaura quando ela envia a cesta de chocolates na Páscoa, tendo deixado de pagar o aluguel e o parceiro não devolveu nada para ela: “Nem me ligou!”. Ligar, no sentido de telefonar, parece ser também uma metáfora de vinculação.

Na segunda pergunta sobre as outras formas de quantificação, vemos que no “programa de recuperação” de uma série de exercícios que se fazem para cessar o vício de amar demais o mais importante é o que elas denominam como “*dar limites*”. Durante a reunião, na parte do estudo da literatura prescritiva, é muito frequente a leitura de um texto que fala sobre este tema, de fato um tema comum nas conversas das participantes. Aprender a dar limites é visto como uma “conquista na recuperação”; no entanto, não se podem estabelecer regras precisas sobre seu uso, pois isto depende de cada

situação e poderíamos afirmar que isto é renegociado continuamente no cotidiano. Contudo, podemos dizer que na maioria das vezes os limites se estabelecem em termos de regulação do tempo. Por exemplo, se era uma pessoa que investia muito tempo em ligar demais agora já não o faz ou o faz menos, se essa pessoa que sempre estava disponível ou para pensar na pessoa objeto de amor, ou para olhar as redes sociais na internet e assim investigar a vida dessa pessoa, ou tinha tempo sempre que o parceiro desejava, agora já tem outros compromissos como participar das reuniões do MADA. Estas práticas requerem um constante autocontrole e autovigilância de cada um dos movimentos feitos.

Novamente observamos que o tempo agora conjuntamente com o dinheiro são uma categoria moralizante que permite proferir juízos de valor a respeito de quais relacionamentos merecem ou não atenção e investimento emocional.

### **De lágrimas, contágios e vítimas**

Depois de soar a campainha, o silêncio que se encontrava na sala é quebrado e se escutam rapidamente várias conversas alternadas, todas se cumprimentam uma a outra, Mercedes e Alicia se aproximam para me abraçar, perguntam por meu companheiro, eu respondo que está bem, que as coisas estão indo e Mercedes fala “que bom!”, fazendo um sorriso de satisfação, enquanto Alicia nos convida a tomar café. Todas se encontram aglutinadas em volta da mesa do café e consigo manter várias conversas paralelamente, sem poder concentrar-me em nenhuma delas. Tento me concentrar em alguma e então vejo que Rocio pergunta para Paloma porque ela acha que não pode deixar esse homem? Ela responde que não sabe: “Eu

acho que estou ficando velha.” Rocio ri e diz que se ela continuar falando que é velha, seguramente vai ficar. “A gente expressa o que sente afirmando”, diz, “Você é muito bonita e vale muito, você tem que deixar de pensar assim, você vale muito, vai chegar o homem que mereça estar com você!”

Em seguida eu pego o dinheiro da sacola e peço para Isaura contar. Ela conta e registra o valor no quadro branco: “Hoje deram 12,35 reais.” Entrego o dinheiro à coordenadora que reclama por ter que guardá-lo e me diz que temos que resolver o problema da tesouraria. O intervalo está acabando, a campainha soa novamente e pouco a pouco as pessoas começam a voltar a seus lugares. A coordenadora pergunta se alguém tem algum aviso a dar a respeito da irmandade, então Libertad levanta a mão, faz o ritual de apresentação e diz que é só para lembrar que no próximo domingo tem reunião de intergrupo e que esta sala não tem representante. Imediatamente eu levanto a mão e digo que Paloma estava interessada em participar, Paloma concorda, mas diz que não sabe muito bem como fazer e a coordenadora diz para ficar tranquila, pois lá iriam ensinar-lhe e que Mercedes lhe daria umas instruções. Em seguida, a coordenadora avisa que vai colocar em votação na consciência coletiva do grupo para escolher Paloma como representante de grupo (RG), ela pergunta quem é favorável e seis pessoas levantam a mão, seguidamente pergunta quem é contra e ninguém se manifesta, quando pergunta quem se abstém, duas pessoas levantam a mão, então ela declara: “Paloma é a nova RG do grupo”, todas aplaudem e em seguida eu me levanto, pego os cartazes com “as dez características de uma mulher que se recuperou de amar demais” e dou pra cada uma ler (ver anexo 2). Depois a coordenadora pega o livro “Meditações para mulheres que amam demais” no qual há uma reflexão para cada dia do ano, procura a correspondente àquela data, lê e pede para

outra colega ler novamente. Em seguida ela pergunta se há alguma pessoa que está participando pela primeira vez, para que seja feito o ritual de boas-vindas. Alicia aponta para uma moça que está até este momento totalmente em silêncio, pergunta se quer dizer o nome e ela diz “Meu nome Julieta”. Todas respondem “Oi Julieta!” e ela faz um sorriso que me parece de incômodo ou assombro. A coordenadora pede para Rocio dar as boas-vindas, ela pega alguns folhetos que contêm indicações do programa de recuperação, endereços e horários de outras reuniões, uma lembrancinha do grupo e uma fita branca, que será sua primeira, entrega e diz: “Esta fita é dada pelo grupo e as outras você deverá conquistar”, repete novamente que ela é a pessoa mais importante da reunião e que “continue voltando, o segredo está na próxima reunião”, afirmando que para ela foi muito bom escutar isso na primeira vez que assistiu, porque nunca antes tinha escutado isso. A coordenadora pergunta à recém-chegada se quer dizer suas razões para estar lá, mas caso não queira poderá ficar em silêncio. Julieta, com a voz embargada e olhos úmidos, diz: “Estou vindo porque toda minha vida tem sido uma vida de sofrimento por causa de relacionamentos que não têm dado certo, hoje em particular estou vindo porque não aguento mais, tenho um relacionamento com uma pessoa viciada em cocaína e álcool e isto está destruindo minha vida. Antes dele conheci outro cara que roubou todas as economias que eu tinha feito para comprar uma casa para mim e foi embora, e agora, este novo cara também me faz sentir-me muito desgraçada.” Dito isso, ela cai em prantos e a sala parece que se enche de muita tristeza, na realidade, eu também me sinto um pouco triste e as lágrimas dela parecem muito dolorosas. Duas mulheres levantam a mão e é dada a palavra a Alejandra, que começa sua partilha com o ritual de costume, dizendo:

- Esta semana refleti sobre qual era o meu objetivo no grupo e realmente acho que hoje estou fazendo algumas coisas que tinha colocado como meta, que é prestar serviço, pois eu realmente posso ajudar os outros com minha experiência. Mas meu objetivo, realmente é ser uma pessoa saudável e aprender a me relacionar com as pessoas, porque eu entrei no grupo por causa de homem, mas depois aprendi que o grupo não é só para isso, é para qualquer tipo de relacionamento. Às vezes eu me relaciono destrutivamente até com um objeto material, entendeu? Assim, meu objetivo é tornar-me uma pessoa mais saudável, mais leve, mais plena, mais verdadeira comigo mesma, uma pessoa que tenha uma autoestima maior, porque, na verdade, meu objetivo no grupo nunca vai acabar, eu pretendo nunca sair dele. Então, realmente, eu não acredito que sem ele eu consiga caminhar sozinha. Meu objetivo é esse: aprender a me relacionar comigo mesma, a cuidar de mim mesma, a organizar minha vida, a ser uma pessoa melhor, a ter um relacionamento saudável com uma pessoa que me faça bem. Eu também quero não permitir mais os abusos das outras pessoas, acho que meu grande objetivo é aprender a ter relacionamentos mais saudáveis, de uma forma geral, tenho que ter relacionamentos de verdade, um relacionamento de laço, não de nome, porque eu tinha um relacionamento de nome não de laço. Eu quero aprender a ter um laço com as pessoas, a ter um laço na amizade, um laço sexo-afetivo, um laço familiar, enfim, aprender a ser uma pessoa melhor, a ser uma pessoa mais consciente, mais livre. Acho que a grande palavra é liberdade, porque quando eu me liberto, eu liberto todos para serem livres. Meu objetivo é me aprimorar, mas não só me aprimorar, como também prestar serviço pra as pessoas que precisam e ainda sofrem, pegar, de repente, um serviço em intergrupo porque realmente é

importante e gratificante saber que você não só salvou sua vida, como pode ajudar a salvar outras vidas. Precisamente por isso é que o grupo é de ajuda mútua, exercendo um trabalho muito importante, realmente está salvando minha vida, então meu objetivo no grupo é ser uma pessoa melhor, uma pessoa que se relaciona. Quero ter um relacionamento saudável sim! Todo mundo quer, isso não tem nada de mais, é saudável se relacionar, é normal, o que não é saudável é relacionar-se destrutivamente. Realmente eu quero me conhecer, me descobrir, aprimorar meu autoconhecimento, meu nível de amor próprio, me entender, me aceitar e também aceitar quem eu sou, minha história, minhas escolhas e ser uma pessoa bacana. É isso. Obrigada por vocês me ouvirem!

A coordenadora avisa que esta será a última partilha, que será dada a uma pessoa que chegou atrasada e um pouco agitada. Seu nome é Pilar. Ela faz a saudação tradicional e inicia o seu depoimento:

- Hoje realmente sinto um vazio ao ver com que classe de pessoa me relacionei. Ele tinha um problema que era querer se isolar, querer ficar sozinho. Hoje eu sei que ele na verdade era emocionalmente casado com a mãe dele. Por isso ele era indisponível emocionalmente, em alguns momentos era como se eu tivesse me relacionado com um bipolar, porque ora eu era a melhor mulher do mundo e ora ele queria se distanciar. Ele me deixou muito maluca, porque não tinha previsão do que queria, de como queria, era muito louco. Embora ele não tivesse nenhum diagnóstico, eu mesma estou falando assim, com as minhas palavras, o diagnóstico. Ele era meio bipolar nesse sentido, às vezes ele era muito disponível, eu era a mulher da vida dele, era extremamente romântico e fazia programas maravilhosos para nós dois e em outro momento não queria estar comigo, queria estar com

os amigos, ele queria sair. E aí dava um “gatilho” danado! Conviver com isso foi terrível, por isso que eu entrei no MADA. Na verdade, eu cheguei aqui porque esse jeito dele me fazia ficar agressiva, eu batia nele, eu bati várias vezes nele, porque eu não o aceitava, eu o agredi em diferentes ocasiões, até que um dia ele revidou. Quando ele revidou, eu achei um absurdo: “Como assim, um homem vai me bater?” Então, como ele nunca tinha revidado, eu achava que a culpa era toda minha, pois eu era a agressiva. Eu entrei aqui achando que tinha que melhorar esse meu jeito, sabendo que eu estava meio maluca. Na verdade, ao rever tudo, esse monte de insanidades, vi que quando cheguei eu fazia o papel da vítima, hoje eu não sou mais a vítima, assumi os cinquenta por cento de minha responsabilidade, pelo menos hoje eu já consigo enxergar isso. Obrigada!

Faltando cerca de cinco minutos para completar as duas horas, a coordenadora faz o encerramento da reunião, informando o valor em dinheiro arrecadado, pedindo que escolhêssemos alguns dos sete lemas a serem utilizados como meta da semana. Rocio sugere “Só por hoje” e Alicia propõe “Viver e deixar viver”. Os dois são lidos (ver anexo 3) e em seguida todas repetimos a oração do anonimato: “O que você vir aqui, o que você ouvir aqui, quando sair daqui, deixe que fique aqui”. Depois ficamos de pé, fazemos um círculo de mãos dadas e rezamos a oração da unidade:

Eu seguro minha mão na sua  
e uno meu coração ao seu  
para que juntas possamos fazer  
tudo aquilo que não posso  
e não consigo fazer sozinha.

Por último, novamente rezamos a oração da serenidade, com a diferença que no final todas juntas

gritam: Só por hoje! Funciona! Novamente todas se abraçam umas às outras, enquanto começo a guardar todas as coisas no armário do grupo enquanto muitas delas se dispõem a me ajudar.

Um modelo teórico que serve para entendermos as gramáticas emocionais produzidas no grupo MADA é o exposto por Anne Vincent-Buffault em seu livro *História das Lágrimas* onde faz um mapeamento histórico da mudança da sensibilidade ocorrida entre os séculos XVIII e XIX no qual as lágrimas tiveram uma participação ativa. No século XVIII havia um tipo de sensibilidade diferente da atual, um gosto pelas manifestações espetaculares de lágrimas, que são vistas pela autora como “signos que circulam” e que fazem parte de uma economia que mobiliza certos tipos de expressões. “Na emoção mais forte chora-se junto, divide-se lágrimas e ainda mais, confunde-se as próprias lágrimas com as do outro.” Esta economia lacrimal de troca parece estar permeada pelo sentimento da compaixão “Face às lágrimas de um ser humano é preciso participar ou compadecer-se”, que por sua vez, gera um fenômeno de contágio, nas suas palavras:

As pessoas deixam-se comover em conjunto pelo sofrimento alheio, mostrando prazer na manifestação de sua emoção. Esta propaga-se num grupo de desconhecidos, provocando um belo efeito de contágio pelas lágrimas (VICENT-BUFFAULT, 1988, p. 51)

O contágio emocional é uma constante na dinâmica do grupo, a compaixão, assim como no modelo exposto por Anne Vincent-Buffault, parece ser o veículo emocional pelo qual se contagia o sofrimento, que não é tão alheio, pois a pessoa é compassiva porque já vivenciou os

mesmos sentimentos, ou seja, pela identificação. Contudo, a pena pelo sofrimento alheio parece se amplificar e reduzir dependendo do contexto e do foco de atenção compartilhada, onde as lágrimas pareciam ser um símbolo usado pelas participantes para mostrar às outras que estavam experimentando determinada emoção, no caso tristeza, que se transmutava em compaixão, energia emocional que produzia solidariedade grupal, assim como um sentido de pertença. (COLLINS, 2001)

Como vimos nos trechos das entrevistas e na parte do relato de um dia na sala, a chegada de uma nova participante parece aumentar o grau de compaixão. Mas, por exemplo, tive a oportunidade de continuar observando a história da pessoa que chamei Julieta e vi que ela conseguiu acabar o relacionamento com a pessoa que “fazia mal para ela”, o que lembro ter me deixado muito feliz. Só que algumas reuniões depois ela teve uma “recaída” e voltou com ele. Eu me senti um pouco decepcionada e vi que isso era um sentimento que parecia ser comum a outras colegas, visto que ao final fizeram um comentário a respeito, ação que foi repreendida por outra colega, que advertiu que estávamos dando retorno e que esta doença era muito grave. “As pessoas precisam cair muitas vezes para aprender, todas um dia podemos passar por isso novamente”.

Esse primeiro sentimento de compaixão amplificada que produzem “as recém- chegadas” pode ser explicado a partir do modelo exposto por Candace Clark (1997), que explica que para gerar compaixão é necessário não ser representado como o responsável pelo próprio infortúnio, mas sim como a vítima da desgraça. Desta

forma, esta pessoa que está vindo pela primeira vez não sabe que padece da “doença de amar demais”, a qual não tem cura e é maior que a própria pessoa. Uma vez que ela se informa deste aspecto e de seu tratamento, passa a ser responsável pelo seu infortúnio e assim o grau de compaixão diminui como acontece na maioria das vezes; contudo, em algumas escassas ocasiões chega até a se transformar em decepção. Ao considerar o “amar demais” como uma doença crônica que pode sempre sair do controle, conforme afirmou linhas atrás uma participante, “todas podemos passar por isso novamente”. Isto permite que não exista um julgamento severo e que de alguma forma sempre haja uma circulação de compaixão, pois esta pode ser devolvida ao compassivo num outro momento. De alguma maneira deixa-se a porta aberta para recair e também para não ser julgado, pois a compaixão neste sentido pode ser vista como um investimento emocional a longo prazo em si mesma.

Então, ser vítima é visto pelo grupo como uma fase inicial que deve ser uma das primeiras etapas a ser superadas. Desta forma, deixar de sê-lo é um “avanço na recuperação”, designado por elas como “assumir os 50% da responsabilidade”. No segundo capítulo, levantou-se uma questão sobre a não produção de compaixão exterior ao grupo, onde se argumentou que nas poucas vezes que o grupo suscitou pena, foram quando as pessoas pensavam se tratar de um grupo de mulheres que padeciam de violência doméstica. De fato, esta imagem também me veio à cabeça quando comecei a me interessar pelo grupo. Foi só quando comecei a escutar os relatos nos quais as pessoas conseguiam “sair do papel de vítima” que observei que muitas delas, além de não serem

vítima de violência doméstica, pelo contrário, tinham agredido seus parceiros, tal como relata Pilar em sua partilha “Esse jeito dele me fazia ficar agressiva, eu batia nele, eu bati várias vezes nele”. Este tipo de depoimento começou a ser comum, tendo eu escutado dois relatos de mulheres que tentaram colidir seus carros contra os de seus parceiros e de outra que o atingiu com uma facada. Por outro lado, os relatos de agressões físicas sofridas eram mínimos e não passavam de empurrões, fatos estes que me fizeram questionar-me se elas saíram do papel de vítima ou se talvez algumas delas nunca o tenham sido.

Três fatos mais complementaram essa minha hipótese inicial. Em primeiro lugar, quando participei do intergrupo, fui a um encontro organizado por um fórum que convidou o MADA para ajudar numa estratégia pedagógica para combater a violência doméstica. Desta forma, os homens agressores eram levados a grupos com psicólogas e assistentes sociais que faziam oficinas, e as mulheres deveriam ir ao MADA. Só que no caso das mulheres havia uma diferença: o grupo era dividido entre as agressoras, que eram obrigadas a participar desta reunião, assim como de outras diretamente nas salas do grupo, e as agredidas, que só podiam ser aconselhadas. A pessoa que tinha este encargo no MADA comentou-me que estas reuniões já vinham acontecendo há alguns anos e o que sempre ocorria era que as vítimas quase nunca iam ao encontro, e que só participavam as agressoras.

Vemos que, por um lado, no fórum se criou um espaço para combater a violência doméstica na qual os homens só ocupam um papel, o de agressores; por outro, observamos que o espaço das mulheres já se divide em dois: agressoras e agredidas. Mas será que o grupo das

agressoras só batia em outras mulheres? Para saber mais detalhes seria necessário fazer uma análise do fenômeno acontecidos no fórum, visto que naquela ocasião não consegui obter mais dados sobre o tema.

Outro fato relativo ao tema da vítima foi quando novamente o MADA foi contatado por parte de um veículo de comunicação impresso para ver se alguma das participantes poderia dar testemunho sobre violência doméstica. Nessa oportunidade, ouvi comentar que elas não encontraram uma pessoa que pudesse fazê-lo, argumentando com uma frase que guardei em meu diário “*A mada não é batida, a mada bate*”. De igual forma, numa oportunidade soube do caso de uma moça que havia sido espancada pelo seu namorado; um amigo falou-me deste caso, pois sabia do tema que eu estava pesquisando e pensou que talvez eu pudesse ajudar. Comentei o fato com uma pessoa antiga no grupo e ela aconselhou-me tentar convencer a moça a ir a uma reunião, mas que esse perfil no grupo era difícil de se encontrar e que talvez não fosse encontrar muitos espelhos. Eu perguntei por que ela achava isso, ao que me respondeu que talvez fosse porque as mulheres tinham vergonha de falar que tinham sido espancadas.

Todos estes fatos vivenciados durante o trabalho de campo demonstram que uma das imagens externas que existem do grupo é que o MADA pode ser conformado por mulheres que sofrem violência doméstica. Essa é a imagem observada no fórum, que combina com a imagem que eu mesma tinha antes de iniciar esta pesquisa e com a de algumas poucas pessoas que sentiram compaixão pelo grupo. Embora elas tentem encaixar com ideia de mulheres sofredoras de violência doméstica,

visto que por exemplo, os lugares onde mais fazem difusão do grupo são as delegacias das mulheres, parece que a maioria das experiências das participantes não combina com as expectativas esperadas, visto que, além de não serem vítimas, eram as agressoras, mas que não são consideradas como tal. Será que este fenômeno se dá porque agredem pessoas que não podem ser consideradas vítimas: os homens?

Como explicam Eliacheff e Lariviere (2007), existe uma categoria de ser humano que serão para sempre vítimas: estas são as mulheres. Há também um causador de sua vitimização: os homens. Nesta mesma linha de pensamento, Cynthia Sarti (2009) explica que, graças à cristalização dos lugares de vítima e de agressor perdeu-se a dimensão relacional da categoria de gênero e do fenômeno da violência, o que parece ser o resultado da ênfase na vitimização feminina, armadilha na qual caiu o feminismo, que tanto lutou por desnaturalizar os papéis de gênero culturalmente designados às categorias “homem” e “mulher”. A violência, então, pode ser vista como um atributo imposto à masculinidade, mas visto o acontecido no MADA, podemos observar que a violência doméstica não é um fenômeno plano, ao contrário, tem múltiplos matizes que merecem ser estudados em profundidade. Para concluir, consideramos que o exemplo que nos oferece o caso do MADA mostra ideias preconcebidas que circulam na sociedade e que permitem que as mulheres que chegam ao grupo, embora sejam agressoras, continuem se considerando vítimas e os homens, muitos deles agredidos, sejam considerados vitimizadores.

## Conclusão

A análise das gramáticas emocionais do grupo MADA apontou algumas questões principais. A primeira diz respeito à construção histórica do amor no Ocidente, aspecto visto através do rastreio de algumas pistas que mostraram a circulação de ideias em torno do amor, o que facilitou o seu encaixe no formato dos doze passos, podendo assim ser catalogado como vício e/ou doença.

O amor que chamamos de contemporâneo teve como característica central a ambivalência, pois se apresentou de forma oscilante. Por um lado, o amor é o tema central da felicidade veiculado na cultura de massa; por outro lado, graças à medicalização do cotidiano, situa-se no extremo oposto, sendo patologizado por seu excesso como no caso do MADA, aspecto este que ficou plasmado na imagem do doce sonho e o eterno pesadelo. Poderíamos afirmar então que a ambivalência é a forma contemporânea de vivenciar a experiência amorosa.

O segundo aspecto que desejaríamos pontuar, relacionado à patologização do amor, é a participação dos grupos de ajuda mútua, e por extensão da autoajuda, na psicologização do cotidiano. Esta pesquisa sobre o MADA e especificamente sobre a literatura do grupo mostrou que existe um discurso que constrói categorias tais como “família disfuncional”, “autoconhecimento”, “diálogo” e “autoestima” que atuam como prescrição de maneiras de atuar e de agir, nas quais os sujeitos recriam suas experiências. Estas categorias prescrevem maneiras “corretas” de amar e tudo o que não coincida com aqueles parâmetros é visto como “doentio”.

Na análise das gramáticas emocionais, observamos que o “amar demais” pode ser considerado como doentio

devido ao fato de que o excesso quebraria com o ideal estético do amor, o que, por sua vez, também está relacionado com a ruptura da dádiva, ou seja, elas amam demais e não são correspondidas na mesma medida. Como forma de solução deste impasse o grupo propõe então uma série de práticas que interpretamos como uma “economia dos vínculos sociais”, nas quais há uma racionalização do sentimento amoroso na medida em que se pensa quanto se deve “investir” num relacionamento, o que na maioria das vezes está determinado pelo tempo e pelo dinheiro. Tempo e dinheiro são vistos aqui como categorias moralizantes que permitem fazer juízos de valor sobre situações e pessoas, o que se poderia resumir no seguinte questionamento: quem merece ou não o meu tempo e o meu dinheiro?

Essa racionalização perpassa o amor e os relacionamentos sexual-afetivos e é utilizada na experiência de outras emoções, inclusive as interações vivenciadas no interior do grupo. Vemos assim que a dádiva parece ser a linguagem que configura a maneira como se sente o amor e outras emoções. Neste sentido, por exemplo, observamos que a compaixão também aparece como um investimento a longo prazo para a pessoa compassiva, que espera receber uma retribuição quando necessário.

Para finalizar, desejaríamos apontar que esta análise do grupo MADA contribuiu para observar duas questões que falam de aspectos sociais a nível macro: em primeiro lugar, a crítica ao amor excessivo que prega o MADA é contrária aos ideais como os da cultura de massa, que colocam a paixão desbordante como o objeto de prazer e tema central da felicidade, mostrando assim a

variabilidade histórica e cultural da experiência amorosa. Esta ideia espera ser uma contribuição ao campo de estudo da antropologia das emoções.

A segunda questão mostrada por esta pesquisa foi que no processo de patologização da vida, no qual a psicologização tem uma participação ativa, vemos que a autoajuda e ajuda mútua parecem surgir como “antídotos” que resolveriam quase todos as situações que no mundo moderno são vistas como “males”. Neste sentido, o trabalho pretende dialogar com a linha da antropologia da saúde e a doença.

### **Bibliografia**

- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. 2007, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- COELHO, Maria Claudia. 2009. Lágrimas com farinha: percepções femininas da violência em Belém do Para. In: SENTO-SÉ, Joao Trajano (Org.). *Segurança pública outros olhares, novas possibilidades*. Brasília: Secretaria especial de políticas para as mulheres.
- CLARK, Candace. 1992. *Misery and company: sympathy everyday life*. London: University of Chicago Press.
- COLLINS, Randall. 1992. Social Movements and the Focus of Emotional Attention. In:
- GOODWIN Jeff; JASPER James; POLLETA Francesca. *Passionate politics - emotions and social movements*. London: University of Chicago Press.
- CONDÉ, Geraldo. 2010. *A Felicidade Mediada: Um estudo do imaginário da felicidade na mídia*. 2010 Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais, Instituto De Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ELIACHEFF, Caroline; LARIVIERE, Daniel. 2007. *Les temps des victimes*. Paris: Editions Albin Michel.

- GIDDENS, Anthony. 1993. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP.
- GIDDENS, Anthony. 1996. *Para além da esquerda e da direita*. O futuro da política radical. São Paulo: UNESP.
- GOFFMAN, Erving. 2006. *Estigma: la identidad deteriorada*. Buenos Aires: Amorrortu.
- REZENDE, Claudia . 2011. *Grupos de apoio: subjetividade e gramáticas emocionais*. In: RAM. Anais, 10, Curitiba.
- GODBOUT, Jacques. 1997. *El espíritu del Don*. México D.F.: Siglo XXI.
- MAUSS, Marcel. 1979. El ensayo sobre el Don. In: *Sociología y antropología de Marcel Mauss*. Madrid: editorial Tecnos.
- SARTI, Cynthia. Corpo, violência e saúde: a produção da vítima. Sexualidad, Salud y Sociedad. *Revista latinoamericana*, Rio de janeiro, n.1 ,p.p. 89 a 103. Disponível em: <[www.sexualidadsaludysociedad.org](http://www.sexualidadsaludysociedad.org)>.
- SONTAG, Susan. 1984. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- VINCENT-BUFFAULT , Anne. 1988. *História das lágrimas*. Rio de janeiro: paz e terra.
- ZELIZER, Viviana. 2009. *La negociación de la intimidad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura económica.

\*

**Abstract:** The objective of this study is to analyze the elaborated emotional grammar through the experiences of the participants of the Women who Love Too Much (MADA in Portuguese). The method used was the ethnography. MADA is a mutual support group for “women hooked-up in destructive relationships and their drug is love”. We'll see the conditions that let consider this feeling as a disease, such us the break-up of the beautiful ideal about love because they love too much and they are not loved back in the same way. As a solution of the problem, the support group proposes a number of practices that we can explain as an “economy of the social binding”, which there's a rationalization of the love as a feeling. **Keywords:** love, emotional grammar, support group, rationalization of the emotions

